

## O MITO E A LITERATURA TRABALHADOS NA ORALIDADE DA HISTÓRIA “BRÁS DA LUZ”<sup>1</sup>

### MYTH AND LITERATURE WORKED IN THE ORALITY OF HISTORY *BRÁS DA LUZ*

Márcia Maria Fonteles Vasconcelos<sup>2</sup>

**Resumo:** Muitas das histórias populares, como lendas e mitos, são propagadas através da oralidade. Ainda que essa prática, ao longo dos anos, tenha caído em desuso, boa parte delas se concretizam a partir da literatura. Embora sejam dotadas de elementos mágicos, fictícios, o que lhes permite a caracterização mitológica, fantástica, ou outra, são de grande importância para diferentes esferas, como a cultural e a social. Nesse sentido, objetiva-se analisar a história de caráter popular “Brás da Luz” por meio de embasamento teórico das áreas mitológica e literária. De forma específica, pretende-se: compreender como a narrativa oral acomoda elementos das duas áreas, constituindo-se, em partes, como mito e como literatura; verificar como os personagens e os instrumentos do texto concorrem para a análise e permitem a caracterização/interpretação feita acerca de “Brás da Luz”. O estudo, de natureza descritiva e bibliográfica, dar-se-á de forma a contemplar teóricos que auxiliem nas fundamentações básicas sobre o mito e a literatura, bem como nos pormenores que contribuem para a caracterização das duas áreas no corpo textual e a consequente análise do próprio texto com excertos que serão trazidos à discussão. Para isso, recorre-se a autores como Eliade (1972), Müller (1913), Barthes (1977), Bosi (2013), Moisés (2007) consoante à mitologia grega, interpretação dos signos e concepções de literatura e análise. As apreciações revelaram as relações intrínsecas estabelecidas pelos elementos textuais com o mito e a literatura, em que foi possível reconhecer, por associações, personagens da mitologia grega, por exemplo, e características literárias na narrativa, como a verossimilhança. Ademais, o artigo se mostra relevante para estudos posteriores que se interessem pelo impacto das histórias orais na formação do mito e de gêneros literários.

**Palavras-chave:** mitologia grega; esfera literária; narrativas orais; análise.

**Resumen:** Muchos cuentos populares, como leyendas y mitos, se propagan oralmente. Aunque esta práctica ha caído en desuso con el paso de los años, muchos de ellos se materializan en la literatura. Si bien están imbuidos de elementos mágicos y ficticios, que permiten caracterizarlos como mitológicos, fantásticos o de otro tipo, son de gran importancia en diversos ámbitos, como la cultura y la sociedad. En este sentido, el objetivo es analizar el cuento popular de Brás da Luz a través de un marco teórico tanto mitológico como literario. Específicamente, se busca comprender cómo las narrativas orales incorporan elementos de ambos campos, constituyendo, en parte, mito y literatura; y verificar cómo los personajes e instrumentos del texto competen para análisis y posibilitan la caracterización/interpretación de Brás da Luz. Este estudio descriptivo y bibliográfico considerará a los teóricos que contribuyen a los fundamentos básicos del mito y la literatura, así como los detalles que

<sup>1</sup> História aprendida com populares, contada pelos mais antigos em rodas de história na cidade de Acaraú-CE. O título dado à narrativa se justifica pelo nome atribuído ao protagonista, que é um peixinho dourado que se torna príncipe.

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC); mestra em Linguística (UFC); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1697202870284352>. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9448-9991>. E-mail: [marciafonteles0@gmail.com](mailto:marciafonteles0@gmail.com)

contribuyen a la caracterización de ambas áreas dentro del texto y al posterior análisis del mismo, incorporando fragmentos a la discusión. Para ello, se recurrirá a autores como Eliade (1972), Müller (1913), Barthes (1977), Bosi (2013) y Moisés (2007) en relación con la mitología griega, la interpretación de los signos y las concepciones de la literatura y su análisis. Los análisis revelaron las relaciones intrínsecas que establecen los elementos textuales con el mito y la literatura, en las que fue posible reconocer, mediante asociaciones, personajes de la mitología griega, por ejemplo, y características literarias en la narrativa, como la verosimilitud. Además, el artículo resulta relevante para futuros estudios interesados en el impacto de las historias orales en la formación del mito y los géneros literarios.

**Palabras clave:** mitología griega; esfera literaria; narrativas orales; análisis.

## Introdução

Seja para narrar a criação do mundo, a existência de elementos sobrenaturais, o porquê de a vida ser repleta de ciclos, seja até mesmo por questões religiosas, o mito se constitui como sendo *mimesis*, imitação ou representação de uma ação (Aristóteles, 1995). Cedo ou tarde, somos receptores de histórias mitológicas que nossos antepassados nos contam e que continuamos a contar aos amigos e/ou aos nossos filhos, deixando o mito evocar ações diversas, que podem remeter à felicidade, à desventura ou à própria vida (Aristóteles, 1995).

Nesta proposição, considerando a relevância social e histórica das narrativas de caráter popular, trabalha-se com “Brás da Luz”, que se propagou de forma similar às lendas locais. Dada a correlação existente entre mito e literatura, pretende-se analisar a história à luz dos elementos identificáveis nesta, alusivos à ambientação mítica e literária, lançando mão dos recursos textuais da narrativa para isso, a qual, em sua forma integral, será anexada ao final do artigo de modo a facilitar a compreensão da análise. Salienta-se que a história em apreciação é interpretada como um conto de natureza oral, no qual serão verificados elementos de ordem mítica e literária, não devendo, pois, ser estabelecido conflito de associação do mito e da literatura para categorizar a história em pauta.

Frente à seleção feita, que constitui o *corpus* do artigo, objetiva-se analisar a história de caráter popular “Brás da Luz” por meio de embasamento teórico das áreas mitológica e literária. De forma específica, pretende-se: compreender como a narrativa oral acomoda elementos das duas áreas, mitológica e literária; verificar como os personagens e os instrumentos do texto concorrem para a análise e permitem a caracterização/interpretação feita acerca de “Brás da Luz”.

No tocante aos objetivos delineados, apresenta-se como proposta de hipóteses, equivalentemente, o seguinte: a narrativa em tela permite contemplar o arcabouço teórico das áreas da mitologia e da literatura, entendendo que há elementos comuns a ambas, como o aspecto irreal que permeia a história, assim como caracterizações que entrelaçam as áreas de forma complementar a outra. No que diz respeito aos objetivos específicos, hipoteticamente, deduz-se que os elementos, diante desse entrelaçamento possível, se organizam para a linearidade da história, cuja construção opera na significação depreendida do texto, como os recursos comparativos a personagens mitológicos por um lado e por outro elocuições literárias que também permitem o enquadramento como tal. Além disso, a articulação, identificada na tessitura textual, entre esses elementos e essas caracterizações, possibilita destacá-los como comprovação da análise, considerando os próprios recursos textuais que estruturam o texto.

Em suma, verifica-se a relevância desta proposição, tendo em vista o resgate de uma narrativa de cunho popular, o que põe em ênfase o legado cultural e histórico de determinada região, além da riqueza apreciativa, considerando as áreas de recorte utilizadas, o que destaca as possibilidades de estudo comparativo, seja na literatura, seja na mitologia. Ademais, a relação analítica leva a outras percepções, como as de natureza psíquica, permitindo entrever a simbologia das narrativas tradicionais<sup>3</sup>.

### **Percurso Metodológico**

O presente artigo, de natureza básica, se estrutura a partir da seleção do *corpus* de análise, depreendido em meio às histórias de caráter popular que se propagaram de forma oral no interior do estado do Ceará, na cidade de Acaraú. A seleção da história “Brás da Luz”, em especial, se deu pelo pouco conhecimento acerca dela e pela ausência de similaridade com outras histórias populares que se destacam na região como um todo.

No que concerne aos objetivos da pesquisa, esta se caracteriza como descritiva, dada a pormenorização dos dados, apreciação que se dá em perspectiva comparativa,

---

<sup>3</sup> Interpretadas aqui com o valor semântico das histórias populares.

cujas finalidades é verificar a relação entre a mitologia grega e a literatura identificadas na narrativa a partir dos elementos simbolicamente representados.

Acerca dos procedimentos, o estudo se define como bibliográfico, já que o arcabouço teórico se faz necessário para a estratégia comparativa e a compreensão das áreas aqui contempladas na abordagem. Para Lakatos e Marconi (2003, p. 158), nesse tipo de pesquisa “O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações”. Logo, a verificação de trabalhos anteriores relacionados ao tema também se mostra indispensável para a inovação do que se propõe e o aprofundamento da análise.

Considerando a explicação já apresentada sobre a delimitação do universo e da amostra, evidencia-se o processo de coleta de dados, o qual se deu em conformidade com o reconhecimento dos elementos característicos da literatura e dos que são passíveis de associação com as simbologias, deuses ou outras alusões à mitologia grega. Assim, a coleta dar-se-á em paralelo com leituras que orientem a identificação em questão, o que também será indispensável para a análise dos dados, tendo em vista a caracterização da pesquisa aqui exposta. Logo, a análise será apresentada com o auxílio dos próprios trechos, das evidências apreendidas da narrativa “Brás da Luz”, dos quais lançaremos mão, por paráfrase, para a explanação dos comparativos. Salienta-se, novamente, que a história, em sua forma integral, será apresentada como anexo a este artigo a fim de facilitar a apreensão dos dados e o comparativo feito.

### **“Brás da Luz” em um comparativo mitológico e literário**

A narrativa em verificação, de forma sintetizada, traz à tona a história de Maria, que pertence a uma família carente, e de Brás da Luz, um príncipe encantado que se revela como um peixe dourado. Durante a história, Maria é levada a percorrer um longo caminho até conseguir ficar com o príncipe, lidando com personagens atípicos e fenomenológicos, os quais tornam o texto um misto de conto e mito, o que permite trazer a perspectiva comparativa mencionada entre as áreas cujo recorte foi apresentado na seção anterior.

Na verdade, “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares” (Eliade, 1972, p. 8). Ou ainda, o mito é uma “Tradição que, sob forma alegórica, deixa entrever um fato natural, histórico ou filosófico” (Michaelis, 2002, p. 521). Tendo como característica facilmente observada a oralidade, os mitos podem surgir até mesmo de fatos verídicos, mas que por terem sido recontados muitas vezes e por lhe adicionarem, ao acaso, metáforas, proezas, o seu gênero sofre uma modificação. O mito está presente na história “Brás da Luz”, seja por significar cultura, seja por ser um fato oral, afinal, essas duas características estão presentes naquela.

Ao analisar os acontecimentos em “Brás da Luz”, percebe-se a sua relação com mito pelo fato de o texto apresentar simbologias representadas pelas personagens que, apesar de serem seres irracionais, abstratos ou inanimados, recebem características humanas, como a fala e o sentimento, o que pode ser exemplificado pelo próprio protagonista da narrativa que, embora seja homem é transmutado e exibido como peixe. Além dele, os personagens com quem Maria tem contato ao longo da jornada em busca de Brás da Luz também são dotadas dessa capacidade inerente ao humano, como a de falar e expressar emoções, o que se dá com o sol, a lua, os ventos e a garça. Cabe aqui esclarecer a distinção existente entre o mito e a fábula, dentro da concepção de gênero, pois ainda que seres não prototípicos de comunicação consigam falar, o texto em análise não se configura como fábula, pois esta não traz a moralização em seu enredo. Para Ribeiro (2007, p. 85),

Enquanto os mitos tentam explicar a vida, as fábulas são histórias imaginárias que tentam explicar o comportamento dos homens, alertando para o descompasso que pode existir entre a fala das pessoas e suas ações. Delas sempre se tira uma lição.

Apesar de o mito não se constituir como uma ocorrência real, “não podemos afirmar [...] que o mito é uma ilusão, pois sua história tem uma racionalidade, mesmo que não tenha uma lógica por trabalhar com a fantasia” (Sá e Sá, 2007, p. 02). Suas narrativas são simbólicas e buscam esclarecer algum fenômeno, havendo a presença de deuses ou outras personificações que são consideradas sobrenaturais. É válido pontuar que, com isso, o mito transcende a estrutura comum de gênero, configurando-se dentro

de uma representatividade universal, a qual serve de parâmetro nesta proposição, que pode remeter à cultura, ao sagrado, a experiências diversas.

Independentemente de narrar um feito que foi ou não real, o mito é envolvente e cativante, justamente por apresentar imaginação e ideologias que de uma forma ou outra são associadas a algum aspecto da realidade. Na história abordada, pode-se justificar isso nos parágrafos primeiro, quinto e décimo quinto. No primeiro parágrafo, a situacionalidade da família de Maria enuncia uma condição comum dentro do plano real, como a escassez de recursos e o baixo quadro social. No quinto parágrafo, a maldade evocada pela comadre da mãe de Maria ao ferir o peixe gratuitamente revela um aspecto comportamental do homem ainda que desprovido de motivações legais. No décimo quinto parágrafo, nota-se a insatisfação da princesa que, incomodada com as joias que Maria carrega, deixa vir à tona a inveja, sentimento também atribuído ao homem e passível de ocorrência no plano real. Através do aspecto social, da maldade, da inveja são feitos liames destes com a vida do leitor ou com a sociedade vigente.

Outro aspecto mitológico existente na história “Brás da Luz” é o poder concedido aos seres celestiais e abstratos. Na Grécia, não só esses seres, como tantos outros, influenciavam no modo de pensar da população. Representavam entidades essenciais para exemplificar os fatos e obtinham força e poder para, além disso, castigar os que lhes desrespeitavam.

Na história em análise, percebe-se, claramente, o mítico existente no sol, na lua e nos ventos. A sociedade grega, crente nas histórias e nas narrativas dos poetas, estabelecia rituais, cultos e adorações aos deuses. Acreditavam que “[...] quando os deuses realizam maravilhas, nada parece inacreditável” (Píndaro, 2016, p. 48). O sol, cultuado através dos deuses Apolo<sup>4</sup> e Hélios<sup>5</sup>, era adorado como protetor do império e o responsável por percorrer o céu todos os dias, de leste a oeste, levando luz e calor aos homens.

O sol, pois, presente em narrativas diversas e em “Brás da Luz”, assemelha-se com o deus grego do Sol Apolo ou Hélios. É percebível seu grande poder tanto por ter sido um dos escolhidos de Maria para saber se ele, que iluminava muitos lugares, não conhecia a

---

<sup>4</sup> Considerado, na Mitologia, deus do sol, nascido da ou na luz, irmão de Ártemis, filho de Zeus e Leto (Smith, 1867).

<sup>5</sup> Representação divina do sol, filho de Hipérion e Téia, também chamado de Patrício (Smith, 1867).

cidade de Barro Branco<sup>6</sup>, quanto pela preparação que sua mãe fazia para recebê-lo de volta, devido a sua energia ser muito intensa. Assim como em “Brás da Luz” existia o “medo” sentido pela mãe do astro solar, decorrente das reações que este tinha ao retornar, havia também o mito em relação ao deus grego Apolo, em que este, além da sua claridade excessiva que podia cegar, o seu calor desmedido podia levar todos à loucura. Nesses momentos, chamavam Apolo de sinuoso.

Dentro ainda da mitologia grega, a deusa Selene<sup>7</sup> apresenta um elo com a lua presente na história. Aquela era vista como a deusa grega da lua, que continha todas as fases, sendo a personificação do astro em si. A lua encontrada em “Brás da Luz”, assim como Selene, ilumina a noite e seu castigo era tornar-se muito fria<sup>8</sup>.

Igualmente ao sol e à lua, os ventos eram caracterizados pela força e energia que mostravam. Na Grécia, existiam nove deuses responsáveis pelo vento. Bóreas<sup>9</sup> é o deus análogo ao vento forte, terceiro ente a quem Maria pediu ajuda, pois ambos são violentos, “devoradores” e são também temidos por serem muito fortes, o que se comprova no parágrafo décimo primeiro, quando a mãe do vento forte se preparava, atando cordas às colunas para não ser *jogada* por ele.

Analisando o parágrafo décimo segundo, percebe-se a semelhança entre o vento rasteiro e o deus grego Eurus<sup>10</sup>, o vento criador de tempestades. Em partes, o vento rasteiro se assemelha também a Zéfiro<sup>11</sup>, que agradavelmente levava as pessoas a outros destinos, como Maria foi levada a Barro Branco. O vento rasteiro da narrativa se mostra ágil, o que é reforçado por sua mãe quando afirma que tudo ele arrasta.

Além desses astros celestiais muito bem caracterizados na história, do peixe encantado Brás da Luz, da garça falante, que assim como os fenômenos naturais auxilia Maria quanto ao destino, é perceptível também a metaforização. É possível conhecer e

---

<sup>6</sup> Não há localização precisa acerca de onde fica exatamente a cidade. No Ceará, há um bairro com essa denominação, localizado em Crato. Todavia, como há indicação de cidade, no Brasil, não há registro de município, apenas de bairros.

<sup>7</sup> Deusa da Lua, filha de Ptolomeu, tendo permanecido no Egito em seu exílio e foi morta por Tigranes. Também chamada de Cleópatra (Smith, 1867).

<sup>8</sup> Trata-se de outra narrativa associada à deusa, ainda que não se estruture diretamente como um mito clássico. Selene teria se apaixonada por um mortal (Endimião) e ao pedir que este fosse imortalizado, o que aconteceu, no entanto, em contrapartida, o jovem permaneceria em sono eterno e a *frieza* da deusa seria decorrente da impeditivo de ter o amado.

<sup>9</sup> Deus do vento norte, filho de Astreus e Eos, morava em uma caverna na Trácia e teria ajudado algumas regiões durante guerras. (Smith, 1867).

<sup>10</sup> Considerado o deus do vento leste, sendo vinculado ao período do outono (Fonte/Site, 2017).

<sup>11</sup> Personificação do vento oeste, filho de Astreu e Eos. Morava junto com Bóreas na Trácia (Smith, 1867).

compreender os efeitos dos textos através dos recursos da metáfora, da personificação e do jogo de ideias, a que estão sujeitos os personagens de “Brás da Luz”.

A metáfora tende a recriar a realidade, o que se dá na “translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades” (Bechara, 2019, p. 419). Assim, ainda que faça referência a termos cujas classes são distintas, assemelham-se de alguma forma. Essa estratégia textual aplicada ao mito, faz com que este “[dê] [...] ao homem a ilusão [...] de que ele pode entender o universo e de que ele entende, de facto, o universo” (Levi-Strauss, 2000, p. 32). O mito tem, nessa configuração, caráter metafórico, com o qual acrescenta aos fatos verídicos, a ficção, a imaginação, o idealismo.

Por outro lado, a personificação, também denominada prosopopeia, “[...] consiste em dar vida a coisa inanimada, ou atribuir características humanas a objetos, animais ou mortos [ou elementos da natureza]” (Bechara, 2019, p. 423). Logo, assumem um caráter humano, o sol, a lua, os ventos, a garça e o próprio peixe, transfigurado na narrativa. O recurso empregado confere ao texto maior dinamicidade, intensificação de emoções ao passo que torna maior a expressividade e a concretização do imaginário.

O jogo ideológico comum nos textos literários, ainda que se sobressaia ao período do Barroco, constitui uma construção que busca trabalhar com argumentos lógicos, o que pode ser identificado na história com a estratégia de Brás da Luz ao dar joias especiais à Maria, ciente de que, futuramente, delas precisaria. A outra protagonista, de igual modo, conseguiu seguir a linha de raciocínio do príncipe ao oferecer para uma princesa *vaidosa* aquilo que esta não tinha, mas desejava.

O mito associa-se, neste panorama, à Literatura, visto que esta “é a expressão, pela palavra escrita, dos conteúdos da ficção, imaginação<sup>12</sup>” (Moisés, 2008, p. 18). Pode-se trazer também a definição de Bosi (2013, p. 160), para quem, a literatura, “[...] assim como toda obra de arte, ultrapassa toda especificidade individual e se torna um instrumento de enorme importância para a formação e a caracterização da cultura de um povo”. Nesse sentido, a esfera literária adquire um papel fundamental na propagação de valores, cultura, história e outras tantas possibilidades que são possíveis de estabelecer no espaço do texto. O vínculo construído com o mito, na verdade, só ratifica as reflexões sociais e como o homem reconstrói histórias, explica origens e fundamenta

---

<sup>12</sup> Toma-se, claro, os devidos cuidados com os textos que de fato atendem aos objetivos literários para que possam ser classificados dessa forma.



questões diversas que podem contemplar temas atuais. A literatura, pois, pode representar “[...] uma transfiguração do real, [...] a realidade recriada, através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas [...]” (Coutinho, 1978, p. 33). Ao ler “Brás da Luz” é possível imergir na história, imaginar as cenas, identificar-nos com os personagens ao passo que se reconhece a literatura e o poder que dela emana. Manter viva a tradição oral é também concretizá-la na escrita.

Destarte, “O mito é o nada que é tudo [...]” (Pessoa, 2006, p. 14), ou seja, por mais que suas narrações não sejam reais, a influência exercida frente à criação literária repercute ainda no cenário educacional, considerando a imprescindibilidade do trabalho com a literatura nas escolas. Embora fictício, proveniente do imaginário, o mito e a literatura convergem para reflexões diversas, principalmente no tocante ao homem e suas ações. Inspirados nos autores gregos, em suas narrativas míticas, muitos escritores tornaram-se cânones, constituindo grandes referenciais diante de obras julgadas como excelentes quanto à qualidade e capazes de manifestar nas pessoas as mais diversas emoções. Em “Brás da Luz”, pode-se observar elocuições literárias através da ficcionalidade, da verossimilhança, da intertextualidade.

No que diz respeito à ficcionalidade, segundo Aguiar e Silva (1984, p. 639), “[...] corresponde a um conjunto de regras pragmáticas que prescrevem como estabelecer as possíveis relações entre o mundo constituído pelo texto literário e o mundo empírico”. Conquanto seja pautado no irreal, sendo proveniente do imaginário do autor e permita a manipulação do teor da narrativa, vincula-se diretamente à verossimilhança, tendo em vista a imprescindibilidade lógica. Na história em apreciação, são notórios os elementos que perfazem a ficcionalidade, como as características e as ações dos personagens personificados. O peixe é dotado do poder de fala e é destinado a casar com Maria: “[...] Brás da Luz revelou-lhe que era um príncipe encantado e estava ali para se casar com ela” (Anexo). Por outro lado, os ventos também exemplificam essa ficção como o rasteiro: “O vento rasteiro afirmou que conhecia e ofereceu-se para levar Maria até lá, pois era muito longe” (Anexo).

Quanto à verossimilhança, para Todorov (1975, p. 52), “[...] é uma categoria que se relaciona com a coerência interna, com a submissão ao gênero [...]”, atendendo, portanto, aos limites que o gênero estabelece com os próprios elementos textuais que o constroem e constituindo uma possibilidade lógica dentro do plano textual em análise.

Na narrativa trabalhada, embora seja enfática a participação dos elementos da natureza por meio da prosopopeia, há, de forma verossímil e análoga, as ações do pai, quanto à preocupação com o lar e os mantimentos, “Todos os dias, o pai da família pescava três peixes” (Anexo). Da mãe em realizar as atividades da casa, “[...] sua mãe juntamente com uma comadre, resolveu chamar o peixe para alimentá-lo” (Anexo). Da comadre, que em um ato de maldade, ataca o peixe, “[...] sua comadre deu um golpe com um facão no lombo de Brás da Luz [...]”. Da princesa, que inveja Maria em virtude de suas joias, “uma moça à beira do lago, que estava com joias lindas, mais lindas que poderiam existir. Mandou a ama perguntar à moça o que ela queria em troca” (Anexo). Dos personagens protagonistas, que demonstram o amor que sentem independentemente dos percalços que precisam enfrentar, “A pequena menina andou durante onze anos [...]” (Anexo).

Em relação à intertextualidade, observa-se que a narração contém partes análogas à fábula “A formiguinha e a neve” (1995), atribuída geralmente aos irmãos Grimm, mas também a João de Barro (Braguinha) que a adaptou no Brasil. De modo similar, as protagonistas (a formiga e Maria) pedem ajuda a seres diversos, cuja personificação lhes é conferida, e por meio de quem alcançam o propósito em cada narrativa. Destaca-se, em relação aos personagens, o poder que detêm e o impacto que concedem ao texto no que diz respeito ao mítico e/ou fictício. Mediante a identificação de similaridades entre as histórias, quando um texto se mostra de alguma forma no outro, conforme Trask (2014, p. 147), “A ideia geral é que um texto não existe nem pode ser avaliado de maneira adequada isoladamente [...]”. A compreensão dos objetivos do texto, suas origens e estruturação contribuem para o reconhecimento desses elementos, como a intertextualidade.

Acerca ainda da intertextualidade, de todo modo, predomina no texto a originalidade da história, na qual existem as características que lhe são peculiares, como a relação com a mitologia grega (o poder dos astros celestes), os elementos literários (já citados), e os recursos de linguagem, como a prosopopeia (qualidades humanas para os seres inanimados).

Além destes aspectos, há ainda a plurissignificação, definida por Moisés (2004, p. 358) como

[...] uma característica da linguagem literária que consiste em um símbolo expressivo que tende, em qualquer circunstância da sua realização, a conter

mais do que uma referência legítima, de tal forma, que o seu sentido exato se torna a tensão entre duas ou mais direções da carga semântica.

Embora não haja elementos complexos no tocante ao teor interpretativo do texto, sendo isento de ambiguidades ou inversões sintáticas, por exemplo, a narrativa leva a pressuposições diversas, tendo em vista as lacunas identificadas no enredo. A ausência de referências no próprio texto quanto aos motivos exatos que levaram Maria a buscar pelo peixe/príncipe pode conduzir à crença de que, similar a um conto de fadas, a jovem teria partido à procura do amado. Por outro lado, poderia existir promessas feitas à Maria, as quais não foram reveladas no texto. O que Brás da Luz fazia no castelo de uma princesa com a qual não iria casar? Estaria sob encanto? Ali, não seria peixe, mas homem? Os mistérios da narrativa ficam atrelados às múltiplas interpretações e deduções que podem ser construídas pelo leitor.

### **Considerações Finais**

Averígue-se, desta forma, que tanto o mito quanto a literatura estão presentes na história oral “Brás da Luz”. Ambos são interdependentes, visto que a literatura surgiu a partir do mito, considerando as práticas das narrativas orais e ele, por sua vez, somente foi propagado e reconhecido devido à repercussão da literatura como essencial aos estudos. Afinal, “[...] se todas as disciplinas desaparecessem dos currículos universitários, bastaria que permanecesse a literatura porque essa contém todas as outras” (Barthes, 1978).

A partir disso, foi possível atender às hipóteses apresentadas, dado o comparativo realizado acerca do texto e os elementos passíveis de associação com a mitologia grega e a literatura. A menção ao texto oral ratificou as análises feitas e mostrou-se válida quanto ao alcance dos objetivos, em que o caráter mítico e literário do texto foi incorporado aos elementos narrativos, de tal forma, que puderam contribuir com a compreensão da história. Ademais, destaca-se a relevância de análises como essa, tendo em vista o impacto sociocultural e local, o que fomenta as narrativas orais, ainda que no espaço do texto escrito e validam o que se constitui como herança que passa de geração em geração e além.

Compreender a mitologia em paralelo com a literatura é dar espaço à linguagem simbólica que estas carregam, revelando origens, cultura e valores que se mostram importantes frente ao poder imagético da ficção, do mito. Percebe-se, ao analisar a história em pauta, o quanto se pode desvendar do texto mítico, bem como as associações interpretativas depreendidas dele. Afinal, a “[...] a arte literária é verdadeiramente, a ficção, a criação de uma para-realidade com os dados profundos, singulares e pessoais da intuição do artista” (Moisés, 2007, p. 68).

Desse modo, o autor inventa uma realidade e cabe ao leitor tornar-se seu cúmplice e desvendar os mistérios existentes no ato de ler e ouvir histórias, sejam elas maravilhosas, fantásticas, estranhas, sejam absurdas<sup>13</sup>. Que o estudo em questão seja propício para os pesquisadores na área das narrativas orais, mitologia, análise literária e até mesmo na educação, já que a formação de leitores se mostra cada vez mais complexa. Assim, outras histórias propagadas pela oralidade podem ganhar forma no papel e agir duplamente na formação do leitor, pela cultura e pelo saber.

## Referências

- AGUIAR E SILVA, V.M. **Teoria da Literatura**. 6. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1984.
- ARISTÓTELES. **A poética clássica**. Traduzido por Jaime Bruna. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- BARRO, João de. **A formiguinha e a neve**. 1. ed. São Paulo: Moderna Literatura, 1995.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone – Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1972.
- FONTE/SITE. **O deus do vento Eurus**, 2017. Disponível em: <https://www.theoi.com/Titan/AnemosEuros.html>. Acesso em: 02/10/2025.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

---

<sup>13</sup> Gêneros literários discutidos na categoria dos contos e trabalhados principalmente por Todorov (2021). Para compreender mais sobre o assunto ver: Todorov, T. **Introdução à literatura fantástica**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

- LÉVI-STRAUSS, C. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 17. reimp. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MICHAELIS. **Dicionário escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2002.
- PESSOA, Fernando. **Mensagem**. 1. ed. Edição de bolso. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- PÍNDARO. **As odes olímpicas de Píndaro**. Introdução, tradução e notas de Glória Braga Onelley e Shirley Peçanha. 1.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- RIBEIRO, Maria Augusta Hermengarda Wurthmann. Lendo Mitos, Fábulas, Contos - fios metafóricos da história da humanidade. In: **EDUCAÇÃO: Teoria e Prática** - v. 16, n.28, jan.-jul.-2007, p.79-99. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/63fa2ec1-d1fa-4557-8e6e-99bea9a55d3d/content>. Acesso em: 01/10/2025.
- SÁ, Isabela Carneiro Rangel; SÁ, Daniel Barreto de Souza e Sá. A influência do mito na sociedade campista. In: **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0258-3.pdf>. Acesso em: 01/10/2025.
- SMITH, William. **Dictionary of Greek and Roman: biography and mythology**. Vol 1. Boston: Little, Brown, and Company, 1867.
- SMITH, William. **Dictionary of Greek and Roman: biography and mythology**. Vol 2. Boston: Little, Brown, and Company, 1867.
- SMITH, William. **Dictionary of Greek and Roman: biography and mythology**. Vol 3. Boston: Little, Brown, and Company, 1867.
- TODOROV, T. **Introdução ao verossímil**. Tradução de Maria de Santa Cruz. Lisboa: 1975.
- TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

Submetido em 03 de outubro de 2025.

Aceito em 30 de outubro de 2025.

## Anexo

Conta a história que existia um casal que só tinha uma única filha e para sobreviver eles precisavam pescar diariamente. Todos os dias, o pai da família pescava três peixes. Certo dia, porém, ele voltou sem nada e, ao chegar em casa, sua filha, Maria, pediu ao pai para retornar e tentar novamente.

O pai, por gostar muito da filha, voltou e conseguiu pescar muitos peixes e, entre estes, vinha um em especial e o pescador lembrou-se de Maria. Era um peixe lindo, dourado, que ele certo de que a filha iria gostar, levou para ela criar e brincar.

Ao chegar em casa com o peixe vivo como um presente para a pequena Maria, a esposa começou a brigar, alegando que o peixe era um alimento e eles estavam passando por dificuldades, portanto, era mais vantajoso que ele matasse o peixe.

O pai respondeu irrefutavelmente que o peixe era de Maria e qual não foi a surpresa desta ao ver o lindo peixinho dourado nadando no lago, no quintal de sua casa. Ele era agora sua diversão. Ele era agora Brás da Luz. E todo dia ao terminar de comer, Maria ia alimentar o peixe e chamava-o: "Oh, Brás da Luz, Brás da Luz!" E o lindo peixinho dourado emergia ao som da sua voz e a cada dia crescia um pouco.

Certa vez, quando Maria estava para a escola, sua mãe juntamente com uma comadre, resolveu chamar o peixe para alimentá-lo. Este vivia em um buraco no fundo do lago. Chegaram ao lago e chamaram e, enquanto a mãe de Maria pegava o alimento, sua comadre deu um golpe com um facão no lombo de Brás da Luz e este retornou ao fundo, ferido, mas vivo. A mãe nada percebeu e deixando o alimento, saiu.

Quando Maria costumeiramente foi levar o almoço do peixinho e este subiu triste e ferido, a pequena se desesperou. Foi aí que Brás da Luz revelou-lhe que era um príncipe encantado e estava ali para se casar com ela. Porém, por ela ter se descuidado dele, o que fez com que ficasse ferido, Maria também iria sofrer para casar com ele. Seu sofrimento iria dobrar.

Recomendou à Maria que o procurasse na cidade de Barro Branco e deu-lhe seis objetos: dois vestidos, um colar, uma pulseira, um anel e um par de alpargatas de ferro; e disse ainda, que quando este último presente começasse a furar, Maria estaria perto de reencontrá-lo.

Maria foi encantada de modo que a família não percebesse esses objetos e buscou desde então por seu príncipe encantado. A pequena menina andou durante onze anos até chegar à casa do sol. Lá chegando, viu a mãe deste preparando um tanque com água e indagou o porquê daquilo. Então a mãe do sol respondeu que era para se proteger do filho, que chegava muito quente, queimando tudo com seu calor. Maria perguntou-lhe se o sol não saberia onde ficava a cidade de Barro Branco. A mãe do sol mandou Maria se esconder e, quando o sol se acalmasse, ela mesma perguntaria ao filho se ele não conhecia.

Quando o sol chegou e se acalmou, sua mãe perguntou se ele, que iluminava muitos lugares com seu brilho radiante, não sabia onde ficava a cidade de Barro Branco. O sol respondeu que não conhecia, mas talvez a lua pudesse dizer alguma coisa. E Maria foi para a casa desta.

Chegando à casa da lua, ela ainda não havia regressado e a sua mãe estava preparando uma fogueira. Maria questionou à mãe da lua o porquê da fogueira, e ela disse que era para se proteger da filha, que chegava muito, muito fria. Maria, da mesma forma que fez na casa do sol, se escondeu e quando a lua chegou, sua mãe perguntou se ela, que iluminava a noite, não conhecia Barro Branco. A lua não conhecia Barro Branco, mas disse à Maria que fosse à casa do vento forte, talvez ele pudesse dar alguma informação.

Maria foi até a casa do vento forte e, assim como nas outras casas, a mãe daquele estava se preparando para a sua chegada, colocando cordas atadas às colunas, pois ele chegava “jogando” tudo. Maria aguardou o momento em que o vento forte se acalmou para a mãe deste indagar-lhe se ele que, andava por muitos lugares, mexendo com tudo, andando tanto noite, quanto dia, sendo, pois, mais viajante que o sol e a lua, não conhecia a cidade de Barro Branco.

O vento forte disse que não podia ajudar, mas com certeza o vento rasteiro diria alguma coisa. Maria viajou mais um pouco e, chegando à casa do vento rasteiro, a mãe deste preparava também, muitas cordas. Quando o filho desta regressou, ela perguntou se ele, que andava em todos os lugares, tanto dia, quanto noite e arrastava tudo, não conhecia a cidade de Barro Branco.

O vento rasteiro afirmou que conhecia e ofereceu-se para levar Maria até lá, pois era muito longe. Maria então foi levada pelo vento e chegando perto de um rio imenso, o

vento lhe deixou, dizendo que ela aguardasse as embarcações para prosseguir e dali ela já estava bem perto de encontrar Brás da Luz.

Depois que o vento saiu, Maria percebeu que suas alpargatas estavam furando, sinal de que o seu príncipe encantado estava bem perto. Enquanto isso, uma garça chegou-se para ela e perguntou-lhe o que fazia ali. Maria disse que estava à espera das embarcações para ir até Brás da Luz, que morava do outro lado do rio. A garça então se ofereceu para carregar Maria em suas asas, até o outro lado, pois as embarcações iriam demorar muito. Maria foi com a garça e, do outro lado, conheceu a ama da princesa que era noiva com Brás da Luz e que morava na torre do castelo com ele. A ama, ao ver as joias de Maria, achou-as lindas e foi falar com sua senhora.

Disse à princesa que havia uma moça à beira do lago, que estava com joias lindas, mais lindas que poderiam existir. Mandou a ama perguntar à moça o que ela queria em troca. Assim foi feito e Maria, sabendo que Brás da Luz estava lá, disse que daria o colar para dormir no primeiro andar do castelo.

A princesa aceitou, e Maria, durante a noite, começou a cantar: "Oh, Brás da Luz, Brás da Luz! Vem ver quem te criou, vem ver quem te criou"! O vigia do primeiro andar, assustado, ouviu a melodia e, por não saber quem era, comentou com o vigia do segundo andar. Este, por sua vez, não acreditou. No outro dia, Maria deu a pulseira para dormir no segundo andar. Novamente, a princesa aceitou e mais uma vez, Maria cantou a melodia que o vigia ouvira.

Dessa vez, foi o vigia do segundo andar que ouviu Maria cantar e, assim como o outro, foi contar para o vigia do andar de cima e ele não acreditou. No outro dia, Maria deu o anel e em troca foi dormir no terceiro andar. Ao cantar a mesma melodia, o terceiro vigia, juntamente com os outros dois, foram relatar o que estava acontecendo a Brás da Luz.

E qual não foi a surpresa deste ao ver Maria e desta ao vê-lo. Indagou-lhe pelos presentes e ela contou das joias. Brás da Luz fez a princesa devolver as joias à Maria e se casou com ela. E os dois foram muito felizes.